

## A liberdade de reportar: o 25 de Abril na imprensa brasileira

### The liberty of reporting: the 25th of April in the Brazilian media

**Adriana Mello Guimarães** (Instituto Politécnico de Portalegre/ Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

[adrianamello@ipportalegre.pt](mailto:adrianamello@ipportalegre.pt)

#### Resumo

Pretendemos, com este trabalho, perceber como os meios de comunicação social brasileiros noticiaram um acontecimento histórico como o 25 de Abril de 1974, que derrubou o regime ditatorial do Estado Novo e implementou o regime democrático em Portugal.

A nossa investigação se circunscreve ao âmbito da grande imprensa de referência do Rio de Janeiro e de São Paulo, nomeadamente a *TV Globo*, o *Jornal do Commercio* (do Rio de Janeiro) o *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro) e o jornal *Folha de São Paulo* (de São Paulo).

Importa, antes de mais, lembrar que desde 1964 o Brasil vivia numa ditadura, com delimitação dos direitos dos cidadãos, prisões, torturas e censura à imprensa. No dia 25 de abril, o presidente do Brasil era Ernesto Beckmann Geisel que assumiu o cargo de presidente do Brasil em 15 de março de 1974. Foi durante o seu governo que a ditadura começou a enfraquecer por um processo de transição à democracia

A euforia revolucionária que se seguiu ao 25 de Abril atraiu muitos jornalistas brasileiros a Portugal e influenciou a narrativa mediática. Assim, no nosso entender, os média brasileiros acabaram por destacar o que acontecia em Portugal com o propósito de noticiar factos proibidos no Brasil. Tal facto demonstra como, mesmo com estruturas imóveis e rígidas, existem campos e forças sociais em agitação que conseguem dar a volta à censura. Assim, neste contexto, lembramos o teórico van Dijk (1993) que nos fala na relação do texto com outros textos e contextos. No entanto, a narrativa mediática nem sempre foi igual nos diferentes meios de comunicação brasileiros. Por exemplo, o *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro) apesar de contido, destacou bem o acontecimento. Ao passo que, na *Folha de São Paulo*, graças as reportagens de Victor Cunha Rêgo, o tom poético falou alto.

**Palavras chave:** Imprensa; 25 de Abril; Brasil; Portugal.

#### Abstract

With this paper, we intend to understand how the Brazilian media reported such an important event that demolished the dictatorship known as Estado Novo and implemented a new democratic regime in Portugal.

Our research is limited to the scope of the main reference press in Rio de Janeiro and São Paulo, namely TV Globo, *Jornal do Commercio* (from Rio de Janeiro), *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro) and the newspaper *Folha de São Paulo* (from São Paulo)

First of all, it is relevant to remind ourselves that since 1964 Brazil was living a dictatorship that limited the rights of its citizens, arrestments, tortures and media's censorship. On April 25<sup>th</sup>, the president of Brazil was Ernesto Beckmann Geisel that took office as president of Brazil on March 15<sup>th</sup> of 1974. It was during his administration that the dictatorship was starting to get weakened by the democracy.

The revolutionary euphoria that started on April 25<sup>th</sup> attracted many Brazilian journalists to Portugal and influenced the mediatic narrative. Therefore, in our understanding, the Brazilian media ended up highlighting what was happening in Portugal in order to notice prohibited facts in Brazil. This demonstrates how, even with immobile and rigid structures, there are fields and social forces in turmoil that manage to turn around censorship. Thus, in this context, we recall the theoretical van Dijk (1993) who speaks to us in the relation of the text with other texts and contexts. However, the media narrative was not always the same in the different Brazilian media. For example, *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro), although contained, highlighted the event very well. Whereas, in *Folha de São Paulo*, thanks to the reports of Victor Cunha Rêgo, the poetic tone spoke loudly.

**Key words:** Press; April 25<sup>th</sup>; Brazil; Portugal.

Sei que estás em festa, pá  
Fico contente  
E enquanto estou ausente  
Guarda um cravo para mim

Eu queria estar na festa, pá  
Com a tua gente  
E colher pessoalmente  
Uma flor do teu jardim

(Tanto Mar, Chico Buarque de Holanda)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A canção "Tanto Mar", da autoria de Chico Buarque de Holanda, tem duas versões. A primeira fora lançada no dia 26 de agosto de 1975 e reflete a alegria do autor em relação à situação portuguesa. Como foi composta em plena ditadura militar, a letra foi logo censurada. Em 1978, Chico Buarque alterou alguns versos.

Como retrata bem a música *Tanto Mar*, e que nos serve de epígrafe, há uma especial relação de reciprocidade luso-brasileira, que habita o imaginário de portugueses e brasileiros, inerente à sua originária convivência histórico-cultural. De facto, tais relações viscerais permitem uma multiplicidade de olhares e de estudos, muitos dos quais ainda por fazer.

No campo do jornalismo, podemos sublinhar que as raízes da imprensa brasileira estão efetivamente associadas a Portugal. Afinal, foi com a chegada da família real portuguesa ao Brasil (1808) que foi instalada a primeira tipografia oficial no Rio de Janeiro,<sup>2</sup> sendo o primeiro jornal brasileiro *A Gazeta do Rio de Janeiro*, uma réplica da *Gazeta de Lisboa*.

Cabe então a questão: qual será o papel do jornalismo, enquanto espaço público, na fermentação dessas relações afetivas e intelectuais entre Portugal e o Brasil? Ora, nessa relação à distância, o jornalismo desempenha um papel fundamental. Revela-se como um dos fenómenos criadores do nosso tempo. Afinal, como se sabe, a realidade não é o que existe, mas o que se noticia.

Mas, afinal, como o Brasil olha para o que acontece em Portugal? Interessante é notar que há uma grande presença de jornalistas portugueses no Brasil, como João Alves das Neves adverte: "Se algum dia se fizer um estudo sobre a participação dos portugueses na imprensa brasileira, depois da independência, verificar-se-á que ela foi tão ampla como benéfica" (1992: p.15).

Num tempo de incertezas, com a ditadura e a censura no Brasil, a narrativa sobre o 25 de Abril funcionou como uma espécie de "válvula de escape", onde o jornalista brasileiro olhava para Portugal como reflexo do que poderia estar a acontecer no Brasil. Acreditamos que esse reflexo acabou por ser visível, para os leitores, nos textos. Afinal, como sublinha van Dijk (1993) existe um vaivém cognitivo entre memória episódica e memória social e as pessoas compreendem muito mais do que aquilo que está explícito no texto.

### **A narrativa mediática do outro lado do Atlântico**

Assim, aqui, pretendemos, de forma sumária, visitar as páginas de alguns jornais de referência brasileiros, observar a emissão televisiva e perceber como noticiaram um acontecimento histórico como o 25 de Abril de 1974.

Lembremos, em primeiro lugar, aquilo que é fundamental. O 25 de Abril foi uma revolução histórica que pôs fim à ditadura que sufocava Portugal. O acontecimento não era previsível e a maior parte da população portuguesa, como sublinha o depoimento de João Bénard da Costa, estava sedenta de informações: "Parava-se a vida para ouvir o noticiário das três horas, das quatro, das cinco horas. Acordava-se de noite por causa das notícias. Não se dormia uma noite seguida." (Costa, in Xavier, 2015:13). Ora, se em Portugal todos queriam notícias, quem estava fora do país, especialmente no Brasil, também se encontrava ávido de informações. Assim, no exterior, o que podemos constatar é que a temática conquistou as principais páginas das

---

<sup>2</sup> Recentemente, Matias Molina (2015) assinalou a provável existência de alguns prelos associados as missões jesuíticas no Brasil, durante os séculos XVI e XVIII.

revistas, produziu muitos destaques nos jornais e esteve bem presente nos noticiários televisivos.

A mídia brasileira passaria a noticiar com grande ênfase aquele movimento que ficaria notoriamente conhecido como Revolução dos Cravos, assim como seus desdobramentos políticos imediatos. A Revolução portuguesa – uma das últimas do século XX – faria com que a grande imprensa brasileira, assim como os órgãos de rádio e televisão, destacassem grandes repórteres nas funções de enviado especial e correspondente, além de utilizarem farto material jornalístico produzido por agências noticiosas internacionais e por periódicos estrangeiros. É preciso destacar que, embora, geralmente, contassem com os despachos das mesmas agências internacionais de notícias, cada um dos órgãos mediáticos nacionais efetuou a cobertura deste acontecimento de maneira particular e que as especificidades políticas e editoriais de cada órgão influenciaram esta cobertura (Antunes, 2012: 2)

Importa, no entanto, assinalar que a nossa investigação se circunscreve ao âmbito da grande imprensa<sup>3</sup> de referência do Rio de Janeiro e de São Paulo, nomeadamente a *TV Globo*, o *Jornal do Comércio* (do Rio de Janeiro) o *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro) e o jornal *Folha de São Paulo* (de São Paulo).

Em primeiro lugar, devemos recordar que, na altura, no campo tecnológico, a comunicação entre os dois países era complexa e difícil: ainda não existia a internet, nem o fax, nem as máquinas digitais. A transmissão via satélite de notícias internacionais para o Brasil era um desafio<sup>4</sup>.

De facto, o Brasil estava longe de ser uma nação emergente e existia uma tensão constante: vivia-se então sob uma ditadura militar, que começara na década anterior, em 1964. A censura aos meios de comunicação social era implacável. Estava em vigor o Decreto-Lei brasileiro nº 1.077, de 21 de janeiro de 1970 que instituiu a censura prévia, e era exercida de dois modos: ou uma equipa de censores instalava-se permanentemente na redação dos jornais e das revistas, para decidir o que poderia ou não ser publicado, ou os *media* eram obrigados a enviar antecipadamente o que pretendiam publicar para a Divisão de Censura do Departamento de Polícia Federal, em Brasília.

O controlo sobre a imprensa já havia sido regulamentado pela Lei nº 5.250, de 9 de fevereiro de 1967, a Lei de Imprensa, que restringia a liberdade de expressão.

É evidente que a censura à imprensa no país teve seu “ápice” a partir da promulgação do AI-5 em 1968, mas esta já vinha sendo executada, de forma não “declarada”, desde a instituição do regime militar. Graças à constante proibição de centenas de assuntos que perdurou por anos em

---

<sup>3</sup> Para delimitar o termo “grande imprensa”, usamos a conceção de Maria Aparecida Aquino: “Em termos de imprensa escrita diária, apontam-se exemplos de grande imprensa nos jornais: *O Globo*, do grupo Roberto Marinho, originário do Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, de propriedade de Nascimento Brito do Rio de Janeiro; *Folha de S. Paulo*, pertencente à família Frias de São Paulo, *OESP* e *Jornal da Tarde*, dos Mesquita de São Paulo. Como exemplo de revista semanal representante da grande imprensa: *Veja*, da editora Abril Cultural de São Paulo” (1999:37)

<sup>4</sup> A primeira transmissão de televisão via satélite foi feita no dia 3 de maio de 1964. O Brasil começou com as transmissões via satélite no dia 28 de fevereiro de 1969.

quase a totalidade da grande imprensa brasileira, os governos conseguiram “anestesiá-la” a opinião pública. A imprensa curvou-se às restrições, sentia-se incapaz de atacá-las, mas as considerava ilegais. A burocratização da autocensura não conseguiu dar a ela esse cunho da “legitimidade”, mas foram eficazes para estabelecer as modalidades diárias de inércia na imprensa. Foi só após o processo de abertura do regime e com a oficialização do fim da censura que os grandes veículos da imprensa escrita começam a atacar mais de frente o regime e colocar de forma mais deliberada suas opiniões. (Dias, 2011)

No entanto, o regime militar de 64 só começou a se preocupar diretamente com o conteúdo dos programas televisivos, por volta de 1970.

Como era o jornalismo televisivo brasileiro? Ora, devemos assinalar que a primeira emissora brasileira foi a *TV Tupi*, criada em setembro de 1950. A *TV Globo* só foi oficialmente fundada no dia 26 de abril de 1965. No início, a tecnologia usada era a de cinema. As primeiras câmaras utilizadas nas reportagens não registavam o som ambiente e o processo de revelação era artesanal. O primeiro telejornal de sucesso foi *O seu repórter Esso*, emitido entre 10 de abril de 1952 até 31 de dezembro de 1970, na *TV Tupi*.<sup>5</sup> Em 1969 surgiu o *Jornal Nacional* da *Rede Globo* de televisão, o primeiro jornal em rede do Brasil. No início o *Jornal Nacional* tinha uma duração de apenas 15 minutos e emitia notícias de cunho local, nacional e internacional. Diante das dificuldades impostas pela censura, para tratar assuntos nacionais, a *Rede Globo* procurou fortalecer o jornalismo internacional e investiu na formação de correspondentes: “A presença de correspondentes nos locais onde se davam os fatos conferia mais veracidade à notícia que o mero uso das agências internacionais. Eles personalizavam as notícias, tinham a visão brasileira, sabiam o que era de interesse nacional” (Ribeiro *et al*, 2005: 42)

Nesse cenário destacamos a jornalista Sandra Passarinho, enviada para atuar como correspondente da *Globo* para a Europa. Com apenas 23 anos, e quatro de jornalismo, Sandra lembra que a experiência de relatar uma revolução em Lisboa a deixou um pouco desorientada:

Foi complicado e, ao mesmo tempo, muito enriquecedor. Cheguei de paraquedas no maior acontecimento do mundo, com soldados com cravos em suas baionetas e um milhão de pessoas nas ruas. Era uma “passeata” a favor do que era novo, a favor da mudança. Decerto me via parte daquilo também, por estar ali, por falar português. Foi um momento fantástico (Passarinho, 2000: online).

O tom da reportagem em vídeo expressa bem o caráter metafórico para entender o acontecimento: “A revolução chegou a Portugal com um toque de poesia” (Passarinho, 2000: online).

---

<sup>5</sup> Segundo Paternostro (1987: 32), o programa *Imagens do dia* foi o primeiro telejornal da televisão brasileira e só durou um ano (1950).

Sandra partiu para Madrid no dia 24 de abril e, nessa altura, a *Rede Globo* ainda não tinha nenhum escritório na Europa. No dia 27, a jornalista e o operador de câmara Orlando Moreira alugaram um carro e partiram rumo a Lisboa, onde, nos quinze dias seguintes, produziam as reportagens, tratavam de todas as questões técnicas e editavam o material para enviar para o Brasil. Nessa altura, não existia uma redação para a transmissão de matérias – de facto o escritório da Globo só ficaria pronto meses mais tarde. Além disso, a repórter também foi produtora: “Grande notícia é aquela que você consegue pôr no ar. Tivemos muitas dificuldades no lado técnico, operacional. Era o início” (Passarinho, 2000: online).

Detenhamo-nos agora na imprensa escrita, nomeadamente no *Jornal do Brasil*, um diário de referência que foi fundado no Rio de Janeiro a 9 de abril de 1891, por Rodolfo de Sousa Dantas e Joaquim Nabuco. O *JB* passou por diversas fases ao longo de mais de cem anos de história, sobretudo a partir de 1959, quando passou por uma revolucionária reforma gráfica e editorial. A partir de agosto de 2010, devido a uma crise financeira, o periódico teve sua versão impressa extinta e passou a existir somente na internet.

O golpe militar de 31 de março de 1964 foi aceite com reservas pelo *Jornal do Brasil (JB)*. Mas, como estava o jornal em 1974? Ao que tudo indica, existiam sérios atritos entre o *JB* e as autoridades no início da gestão de Ernesto Geisel<sup>6</sup>. O Brasil já estava sob o clima da reabertura política, que era defendida pelo jornal.

Ao observar as primeiras páginas do *Jornal do Brasil*, nomeadamente as que circularam entre os meses de abril a junho de 1974, verificamos que o jornal deu larga atenção aos acontecimentos do 25 de Abril em Portugal. E, como sublinha Antunes, a informação chegou rapidamente ao *Jornal do Brasil*:

A movimentação inicial das tropas portuguesas, noticiada pelo *JB* já na manhã de 25 de Abril, ocorrera na madrugada do mesmo dia em Portugal, tendo início a ocupação da Rádio Clube de Lisboa por volta das 03h00. Levando-se em conta o fuso horário, cuja diferença é de quatro horas, a notícia divulgada pelo *JB* só foi possível graças aos despachos das agências internacionais de notícias – nesta matéria foram creditadas as fontes à AFP e UPI (Antunes, 2012: 9).

Entre o dia 26 de abril de 1974 e o dia 11 de junho, Portugal e as inúmeras consequências do acontecimento, foram sempre tema de destaque.

Logo na edição do dia 26 de abril, o *Jornal do Brasil* dedicou quase toda a sua primeira página ao tema. A manchete destacava: “Junta controla Portugal e anuncia constituinte” e vem

---

<sup>6</sup> A ditadura brasileira, além da censura, procurava estratégias para acabar com o jornal (investigação fiscal da empresa e seus diretores, pressões contra anunciantes, liquidação sumária dos débitos da empresa com entidades públicas, apreensão de edições, etc.). Em consequência, o *JB* sofreu, nesta altura, um forte constrangimento económico, tendo ainda concessões para canais de rádio e televisão negadas.

acompanhada de quatro fotografias. A primeira fotografia assinala que “Tanques e tropas cercaram a sede do governo e aprisionaram Caetano”. A segunda fotografia vem acompanhada da seguinte legenda: “Rebeldes ocuparam o prédio da Emissora Nacional durante a madrugada”. Na terceira fotografia vemos “Na Praça do Comércio, civis conversam com soldados do movimento” e a última imagem consagra o clima de festa: “Manifestantes saúdam as tropas próximas ao Quartel do Carmo”. O texto da primeira página é elucidativo:

A eleição de uma Assembleia Constituinte pelo voto direto – primeiro passo para a escolha do futuro Presidente da República – foi anunciada ontem pela Junta Militar que assumiu o controle de Portugal, depois de derrubar o Governo do Primeiro Ministro Marcelo Caetano, pondo fim a um regime político de 46 anos. A proclamação da Junta de Salvação Nacional - formada pelos líderes do movimento – foi lida pelo seu presidente, General Antônio de Spínola, numa transmissão para todo o país pela televisão (*Jornal do Brasil*, 26 de abril de 1974: 1).

Além disso, nesse número publicado a 26 de abril, o acontecimento português tem evidência nas páginas 2, 3, 4 e 9. Também é mencionado no “Caderno B”<sup>7</sup> e tem direito a um editorial. Retenha-se, ainda, que desde o dia 26 de abril que o *Jornal do Brasil* destaca a situação das colónias lusófonas africanas.

Cronologicamente, se observarmos a sequência da publicação dos textos, podemos constatar que o relevo noticioso foi atingido nos primeiros dias, com peças localizadas no alto das páginas, acompanhadas com fotografias. Passo a passo, os títulos sobre o acontecimento, ainda que configurem na primeira página, deixam de ser ilustrados com imagens.

De assinalar ainda que, no dia 28 de abril, o *Jornal do Brasil* anuncia que no dia anterior (27) o Brasil reconheceu formalmente o novo regime português, tendo sido o primeiro país a fazê-lo. Ou seja, em contradição com sua própria linha política, o regime militar brasileiro reconheceu oficialmente o governo português, que acabava com um período de ditadura.

Além disso, como também noticia o *JB*, o Brasil concedeu asilo político ao presidente da República deposto, Américo Tomás, e ao presidente do Conselho de Ministros, sucessor de Salazar, Marcello Caetano.

---

<sup>7</sup> “Os segundos cadernos diferem dos suplementos literários primeiro por serem diários, e depois por estarem recheados de variedades: colunas sociais e crônicas, horários da programação da TV, comentários sobre um novo filme em cartaz ou disco, tudo em páginas com matéria especial, sempre cuidadosamente ilustrada, que se junta à notícia ordinária para lhe imprimir gama de associações e leituras. Os suplementos literários, voltados para as redes de sociabilidade de intelectuais afins, têm matérias mais críticas do que os cadernos de cultura. Concebidos como complementos, e não como partes que fazem falta ao todo, são uma espécie de presente para os leitores. Diferentemente, o Caderno B também inclui matérias especiais, mas passa a fazer parte indispensável da edição diária” (Lima, 2006:78).

No vetusto *Jornal do Commercio*<sup>8</sup> do Rio de Janeiro, os acontecimentos foram descritos num tom diferente do *Jornal do Brasil*. A manchete da primeira página “Oficiais jovens no poder em Portugal” vem acompanhada de um longo texto:

A oficialidade jovem venceu em Portugal. Os rebeldes que depuseram o primeiro ministro Marcelo Caetano são principalmente oficiais de baixa patente e membros da Junta nacional e têm graduação inferior à de coronel. O único general integrante da Junta chama-se António Spínola, herói nacional, estopim da crise política militar com o seu livro «Portugal e o futuro» e defensor intransigente da autonomia para as colônias africanas. Marcelo Caetano, américo Thomaz e vários ministros, representantes da ditadura imposta por Oliveira Salazar desde 1932, serão desterrados para a ilha da Madeira. O jornal «A República» anunciou ontem que, pela primeira vez que saia para as bancas sem ter sido censurado (...) Os oficiais jovens e o general Spínola se propõem garantir o futuro de Portugal, da Guiné, de Angola, de Moçambique, Cabo verde, Macau, Timor, São Tomé e Príncipe. Spínola começa a escrever as primeiras páginas do presente de Portugal (*Jornal do Commercio*, 26 de abril de 1974: 1).

Interessante é notar que o *Jornal do Commercio* utiliza o termo “baixa patente” e enfatiza a “juventude” da liderança do movimento. Tal descrição focaliza a atenção do leitor e induz pensar no 25 de Abril como um acontecimento “imaturado”. De facto, o depoimento de Pedro Leitão (pintor português), que estava no Rio de Janeiro na altura do 25 de abril, confirma essa ideia: “Pelos notícias dos jornais, as pessoas achavam que aquelas coisas não tinham importância, que eram pequenos episódios da Revolução” (Leitão, in Xavier, 2015: 216).

No sábado, dia 27 de abril, os acontecimentos que decorriam em Portugal continuam a surgir na primeira página do *Jornal do Commercio*. Sublinhamos, ainda, que nesse sábado uma página inteira do “Segundo Caderno”, foi quase toda dedicada a Revolução dos Cravos. Ou seja, cinco das seis peças jornalísticas foram dedicadas ao tema. Vejamos os títulos: “Oficiais derrubam Caetano e entregam o poder a Spínola”, “Repercussão da crise nas colônias da África”, “A tese de Spínola”, “Portugal, as colônias africanas e o passado”, “Ascensão e queda de Spínola”. A única peça que não falava sobre o 25 de Abril, possuía como tema uma colónia africana lusófona: “Guiné-Bissau tem 98% de analfabetos e 15 universitários”. Bastante mais complexa é a descodificação da mensagem que o jornal procurou passar. No entanto, o interesse demonstrado pela situação dos países africanos de língua portuguesa é claro. Oportuno será, então, lembrar que apesar da ditadura que vigorava no Brasil, este foi o primeiro país a reconhecer a Junta de Salvação Nacional. Como explicar esta opção brasileira? Será que o governo brasileiro

---

<sup>8</sup> O *Jornal do Commercio* foi fundado por Plancher em 1 de outubro de 1827. Em 1959 foi adquirido por Assis Chateaubriand e passou a fazer parte do grupo “Diários Associados”. Encerrou as suas publicações em 2016.



vislumbrava a possibilidade de se tornar o herdeiro da influência portuguesa nos territórios africanos lusófonos? Concordamos com a afirmação de Pezzonia:

O ministro Azeredo da Silveira entendia que o reconhecimento da revolução portuguesa seria a porta de entrada para a Europa e África devido à possibilidade de problemas de alinhamento com os EUA, sendo necessárias as melhores relações com o maior número de nações, sejam elas da corrente ideológica que fossem (2016: 2).

Um outro exemplo paradigmático de reportagem jornalística encontrámos nos textos de Victor Cunha Rêgo, jornalista português, residente no Brasil, e que foram publicados na primeira página do jornal brasileiro *Folha de São Paulo*<sup>9</sup>, nos dias 26 e 28 de abril. Octávio Frias Filho, diretor da *Folha de São Paulo* na altura, explica o contexto:

Ao acordar na manhã de 25 de Abril de 1974, Victor Cunha Rêgo abriu as cortinas do hotel onde estava hospedado e achou estranho que navios da esquadra portuguesa estivessem ao largo. Ele acabava de voltar de um exílio que durara 18 anos, a maior parte do tempo no Brasil. (...) Era dessa forma um pouco galhofeira, congruente com a atitude de afetuosa ironia que mantinha para com a pátria, que Cunha Rêgo testemunhou o começo da revolução (Frias, in Rêgo, 2004: 9).

No seu texto para a *Folha de São Paulo*, Cunha Rêgo traça uma cronologia do golpe e, tal como encontramos no *Jornal do Brasil*, uma palavra que se destaca é a ideia de “festa”. De facto, a revolução recriada pela *Folha de São Paulo* foi tratada como um grande acontecimento inspirador. Vejamos o texto de Cunha Rêgo:

Lisboa está uma festa, com os soldados cobertos de flores e as rádios transmitindo músicas portuguesas muito belas, que não se sabe como apareceram nem de onde apareceram. Por enquanto, tudo está em clima de euforia, mas algumas paredes apareceram cobertas de emblemas com a foice e o martelo, e já uma rádio leu os primeiros manifestos sindicais (...). Mas enquanto se meditam esses problemas, prossegue a euforia em Portugal (...). Tudo isso é lindo e também não foi desagradável o longo programa de televisão de Vinícius, Toquinho e Marília Medaglia que antecedeu no ecran o primeiro aparecimento da Junta de Salvação Nacional. Afinal, o Brasil esteve com a sua música representando no programa de tv mais visto na história da televisão portuguesa. Tudo isso comove, mas dentro em breve os problemas concretos vão aparecer. (Rêgo, 2004: 76-78).

---

<sup>9</sup> A *Folha de São Paulo* surgiu em 1921 e foi adquirida por Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira em 1962.

O que é importante ressaltar é que estamos perante um texto produzido por um jornalista conceituado que procura reproduzir a experiência vivida e celebra a queda do salazarismo, de forma poética.

Uma breve, mas especial atenção, merece a capa da *Folha de São Paulo* do dia 26 de abril de 1974 que é toda dedicada a Revolução: "Caetano preso, Spínola no poder"; "Foi uma rebelião de jovens oficiais" (texto assinado por Victor da Cunha Rêgo) e "Nas ruas o povo grita «liberdade»". Nesse dia, das 44 páginas do jornal, oito foram dedicadas aos acontecimentos de Lisboa.

Interessante também é assinalar o testemunho de Zuenir Ventura, jornalista da revista brasileira *Visão*, conforme assinala o jornal *O Público*:

Fui o primeiro enviado especial do Brasil a chegar. Encontrei a cidade numa saudável confusão que me lembrou Carnaval, celebração desportiva e comício político. As pessoas, sem qualquer objetivo definido, pulavam, cantavam – e, sobretudo, falavam. Era quase como se tivessem descoberto a própria voz. Fiquei contagiado pela euforia do povo, uma espécie de embriaguez de liberdade. Como se fosse um prenúncio da nossa (...) Foi a cobertura mais alegre e surpreendente da minha vida. Porque eu olhava para aquilo pensando no Brasil. Menos em Portugal e mais no Brasil. (...) De repente, você queria 'ser o imenso Portugal', como na canção Fado tropical, de Chico Buarque." (Ventura, 2014: online).

A ideia que desse testemunho se colhe é, sem dúvida, esclarecedora: a palavra do repórter e a emoção tornaram-se no próprio acontecimento. Por último, destacamos também uma reportagem publicada na revista *Realidade* (de São Paulo) que elegeu a palavra que marcou o ano de 1974 no Brasil: "cravos"!

### **Considerações finais**

Não temos dúvidas de que o processo revolucionário que eclodiu, em Lisboa, a 25 de Abril de 1974 chamou a atenção de governo, da opinião pública e dos meios de comunicação brasileiros. Afinal, a força da imprensa está sempre associada à ideia de liberdade. Ora, em 1974, o jornalismo brasileiro estava privado da liberdade de expressão. Assim, divulgar o que estava a acontecer em Portugal foi uma oportunidade para inverter esta situação.

Logo no dia 26 de abril, ficou clara a pluralidade de abordagens dos diferentes meios de comunicação brasileiros. Por exemplo, o *Jornal do Commercio*, apesar de contido, destacou bem o acontecimento. Ao passo que, na *Folha de São Paulo*, muito graças às reportagens de Victor Cunha Rêgo, o tom poético falou alto.

A euforia revolucionária que se seguiu atraiu muitos jornalistas brasileiros a Portugal. Tal momento histórico coincidiu com a posse do terceiro general-ditador, Ernesto Geisel, que continuava a apostar na censura da imprensa.

Oportuno, ainda, será registrar o interesse continuado do Brasil por Portugal e lembrar que acontecimentos locais podem ser influenciados por eventos que estão a ocorrer a centenas de quilômetros de distância: é a força da história comum que continua a marcar os critérios de seleção de informação.<sup>10</sup>

### **Referências Bibliográficas**

ANTUNES, R. (2012): "Guarda um cravo para mim: A cobertura da Revolução dos Cravos no Jornal do Brasil e na Folha de S. Paulo". *Anais do XXI Encontro Estadual de História*. Campinas, São Paulo.

[http://encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342362442\\_ARQUIVO\\_Anpuhrafaelhenriqueantunes.pdf](http://encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342362442_ARQUIVO_Anpuhrafaelhenriqueantunes.pdf) (14/06/2018).

COSTA, João B. In: XAVIER, L. (2015): *Portugal – tempo de paixão*, Lisboa, Círculo de Leitores, 13: 129-131.

DIAS, A. B. (2011): "O estabelecimento dos fatos: uma análise da Folha de S. Paulo e seus "rastros memoriais" durante o regime militar no Brasil" <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/O%20estabelecimento%20dos%20fatos%20uma%20analise%20da%20Folha%20de%20S.%20Paulo%20e%20seus%20rastros%20memoriais%20durante%20o%20regime%20militar%20no%20Brasil.pdf/view> (15/7/2018).

LEITÃO, P. In XAVIER, L. (2015): *Portugal – tempo de paixão*, Lisboa, Círculo de Leitores: 216.

LIMA, P. F. de S. (2006): *Caderno B do Jornal do Brasil: trajetória do segundo caderno na imprensa brasileira (1960-85)*, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro. [http://dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select\\_action=&co\\_obra=107313&co\\_midia=2](http://dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=107313&co_midia=2) (16/3/2018)

MOLINA, M. M. (2015): *História dos jornais no Brasil. Da era colonial à regência*, São Paulo, Companhia das Letras.

NEVES, J. A. (1992): *As relações literárias de Portugal com o Brasil*, Maia, Ministério da Educação e Cultura.

NOBRE-CORREIA, J.M. (2018): *Teoria da informação jornalística*, Coimbra, Almedina.

PASSARINHO, S. (2000): "Memória Globo."

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/revolucao-dos-cravos/fontes.htm> (3/02/2018).

PATERNOSTRO, V. (1987): *O texto na tv*, São Paulo, Editora Brasiliense.

---

<sup>10</sup> "O interesse dos média portugueses pelo Brasil e os dos seus confrades brasileiros por Portugal são, antes de mais, fruto deste critério histórico de escolha da informação" (Nobre-Correia, 2018: 47).

- PEZZONIA, R. (2016): Brasileiros em Portugal: tempos de resistência, solidariedade e política. III Jornadas de Trabajo sobre Exilios Políticos del Cono Sur en el siglo XX, 9 al 11 de noviembre de 2016, Santiago de Chile, Chile. *Agendas, problemas y perspectivas conceptuales*. [http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab\\_eventos/ev.9325/ev.9325.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.9325/ev.9325.pdf) (3/2/2018).
- RÊGO, V. C. (2004): *Liberdade*, Lisboa, Independente.
- RIBEIRO, A. P. et al (2005): *Jornal Nacional: a notícia faz história*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- VAN DIJK, T. A. (1993): El estudio interdisciplinario de las noticias y el discurso. In: JENSEN, K. e JANKOWSKI, N.W. *Metodologías cualitativas de investigación en comunicación de masas*. Barcelona: Bosch Comunicación: 135-148.
- VENTURA, Z. (2014): "Fado tropical". *Público*, <https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/quando-o-mundo-veio-a-portugal-ver-como-se-faz-uma-revolucao-333490?page=4#/follow>, (3/02/2018).
- XAVIER, L. (2015): *Portugal – tempo de paixão*, Lisboa, Círculo de Leitores.

**Periódicos:**

- Jornal do Commercio* (dias 25, 26, 27 e 28 de abril de 1974). Rio de Janeiro. Disponível em <http://memoria.bn.br> (27/06/2018)
- Folha de São Paulo* (dias 25, 26, 27 e 28 de abril de 1974). São Paulo. Disponível em <http://acervo.folha.com.br> (27/06/2018)
- Jornal do Brasil* (26 de abril de 1974 até ao dia 12 de julho de 1974). Rio de Janeiro. Disponível em <http://memoria.bn.br> (27/06/2018)
- Revista Realidade* (dezembro de 1974). São Paulo, Edição 106, p. 50.